

NOVOS RUMOS PARA AS PEDAGOGIAS UNIVERSITÁRIAS: EDUCAÇÃO POPULAR, DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS

NEW DIRECTIONS FOR UNIVERSITY PEDAGOGIES:
POPULAR EDUCATION, DEMOCRACY AND HUMAN RIGHTS

Daniela Silva de Lourenço¹

Resumo

O presente trabalho, financiado pela CAPES/FAPERGS nº 06/2013 é, pois, concebido sob a ótica daqueles que são marginalizados da vida social, objetivando revisitar os cenários das pedagogias usadas nas universidades brasileiras. Abre-se, assim, a possibilidade de uma visão metacognitiva do domínio de formação humana, mais democrática. A opção metodológica foi pela pesquisa qualitativa, com procedimentos de análises de conteúdo e discurso, baseados no método autobiográfico, no contexto de atuação profissional docente. Em síntese, pode-se concluir que há de se criar canais de aproximação de cunho pedagógico e educativo entre as universidades e os movimentos sociais. Para dar conta de desafio posto, o trabalho foi elaborado com base em três eixos São eles: a) Horizontes pedagógicos, com ênfase na descentralização e mediação dos processos formativos; b) Planejamento e gestão educativa, sob a égide da emancipação; c) Educação democrática, em perspectivas de gênero, etnia, geração e religião.

Palavras-chave: Educação Popular. Bioreflexividade Narrativa. Democracia.

Abstract

This work was supported by CAPES / FAPERGS No. 06/2013 shall therefore be designed from the perspective of those who are excluded from social life, aiming to revisit the scenes of pedagogies used in Brazilian universities. Thus opens the possibility of a metacognitive view of the domain of human, more democratic. The methodological approach was qualitative research, procedures with content analysis and discourse, based on the method (auto) biographical, in the context of teacher professional practice. In summary, we can conclude that there is to create a pedagogical approach and educational basis between universities and social movements channels. To cope with the challenge posed, the work was based on three axes They are: a) Horizons teaching, with an emphasis on decentralization and mediation of learning processes; b) Planning and managing education under the aegis of emancipation; c) Democracy Education in perspective of gender, ethnicity, generation and religion.

Keywords: Popular Education. Bioreflexividade Narrativa. Democracy.

¹ Bolsista de Iniciação Científica no Projeto intitulado: “O caleidoscópio das linhas de pesquisas na pós-graduação *stricto sensu* em educação: novos olhares sobre a geopolítica da avaliação trienal da CAPES:2007/2009, sob a Coordenação da Profa. Dra. Sandra Vidal Nogueira, com apoio financeiro da UFFS, Campus Cerro Largo/RS. Email: danieladelourenco@hotmail.com

Considerações Iniciais

Os esforços contidos na produção deste texto foram desencadeados no sentido de revisitar os cenários das pedagogias usadas, principalmente nas universidades públicas brasileiras, numa linha investigativa a pesquisa visa desencadear a possibilidade de uma visão metacognitiva do domínio de formação humana, portanto, mais democrática. Em termos metodológicos a opção feita foi pela abordagem qualitativa, com procedimentos de análises de conteúdo e discurso, baseados no método autobiográfico e no contexto de atuação profissional docente.

Para realizar uma caminhada reflexiva pretendida, fez-se a opção por formular uma proposição inicial.

Seria possível promover um estranhamento da categoria docente nas Universidades Públicas brasileiras com as práticas instituídas e naturalizadas nas salas de aula e produzir propostas educativas, concebidos sob uma ótica emancipatória, a partir da premissa que professor/a e estudante pudessem ser autores/as de si mesmos, em suas trajetórias profissionais?

A partir desta indagação, objetivou-se contribuir para a qualificação das práticas educativas de professores universitários, considerando uma visão mais alargada desses constructos teóricos, ou seja, na perspectiva de um mundo ocidental contemporâneo, fundado em preceitos democráticos e cujas marcas de desenraizamento são crescentes em nosso cotidiano institucional.

Horizontes Pedagógicos com ênfase na descentralização dos processos formativos

Nos últimos anos as universidades públicas vêm se expandindo e com isso uma nova geração de universitários oriundos das camadas populares está se apropriando dessas instituições. Avistar os movimentos democráticos e usufruir igualmente de uma educação gratuita não é ato aceito por uma parcela social, de estudantes e também docentes, que ainda têm enraizado uma visão restrita de educação superior. Como consequência dessas posturas, as salas de aula, ambientes que se deseja serem educativos e libertadores, passam a transmitir verdadeiros choques culturais entre coletivos.

Nesse sentido, emergem algumas preocupações e uma delas está ligada ao próprio método de aprendizagem trabalhado nas universidades. Partindo desse princípio gerador,

cabe neste espaço rever e propor novas balizas conceituais para o desenvolvimento dessas metodologias de ensino, diríamos mais conservadoras.

Pensando, assim, em práticas educativas que possam melhor aproximar os docentes e discentes na vida universitária, optou-se aqui por explicitar o conceito de “bioreflexividade narrativa” situada num determinado referente epistemológico, ou seja, a lógica do sensível, a partir da experiência das escritas de si. Pautado, em movimentos socioeducativos das “Histórias de vida em formação”, que estimulam escutas abertas e polifônicas², está alicerçado na ideia de ‘ressignificação da experiência’. Este conceito se caracteriza no esforço contínuo de resgatar os conhecimentos construídos pelos sujeitos, a partir do exercício de rememorar o seu contexto de origem e desenvolvimento, considerando, portanto, as narrativas autobiográficas como sendo representativas de possibilidades educativas para a reconstrução de práticas pedagógicas.

Para Delory-Momberger há, em todo esse movimento, elos entre linguagem, reflexividade e consciência histórica, numa relação dialética existente entre a reinvenção de si e a resignificação da experiência.

A ‘história de vida’ não é a história da vida, mas a ficção apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a ser feita, e é, à emergência desse sujeito, que intenta sua história e que se experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização³.

Ao fazer narrativas das cenas de sua própria história, que se configuram como algo sempre particular, contingente, aberto e quiçá inesgotável, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outras representações sobre si mesma. Este é o movimento de poder se reinventar, visto que possibilita a identificação, dos processos desencadeados pelos estados de ser/estar no mundo e que emergem do vivido no mundo do trabalho intelectual, a partir das dimensões histórica, social, cultural, educativa e religiosa, dentre outras. É, pois, também uma maneira de conhecer melhor as pessoas e como elas conseguem mobilizar interna e externamente o que vão aprendendo e se apropriando em suas trajetórias vivenciais. Segundo esclarece Josso,

² A denominação usada: movimento socioeducativo das Histórias de vida em formação, foi iniciado nos anos 1980, cujos pioneiros mais conhecidos entre nós brasileiros/as são Gaston Pineau (França e Canadá), Pierre Dominicé, Matthias Finger, Marie Christine Josso (Suíça), Guy de Villers (Bélgica), António Nóvoa (Portugal).

³ DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 66.

[...] não era mais apenas a aquisição de uma cultura científica relativa a um conjunto de disciplinas e a sua história, mas mais fundamentalmente a tomada de consciência de um conjunto de pontos de vista possíveis sobre si mesmo e seu meio, a atenção voltada para os pressupostos constitutivos da epistemologia do aprendente, a integração consciente do processo consciencial às práticas, a capacidade de verbalização das experiências, o poder-comunicar com terceiros, a capacidade de identificação e de diferenciação com as teorizações e experimentações de outrem, a capacidade de atribuição de sentido às ações empreendidas.⁴

O argumento baseia-se na tese de que a reconstrução das próprias paisagens (sejam elas afetivas, físicas ou psíquicas) de experiências do sensível, permite que docente e estudante possam, por um lado, escutar melhor o seu entorno, o seu lugar e a si mesmo e, por outro, institui a possibilidade de outras e novas formas para pensar o mundo e suas relações profissionais de ensino e aprendizagem. Segundo STRAUSS, (apud BESSE, Jean-Marc, 2006, p. 80): *"A paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, 'selvagem', numa primitividade que precede toda instituição e toda significação"*⁵.

Diversos movimentos, contudo, demonstram que as pessoas buscam recuperar suas identidades ancestrais, ora supostamente perdidas, discutindo, em essência, a lógica inerente ao processo civilizatório. Há de se ter consciência, portanto, que a paisagem construída, não é apenas mera percepção, ela é algo sentido e envolve participação, sensação, ambiência e prolongamento.

Nessa perspectiva, ao se repensar os dois polos de estruturação do pensamento e dos saberes, ou seja, o simbólico/mitológico/mágico e o empírico/técnico/racional e suas variadas interfaces de complexidade, ambiguidades e incertezas, tem-se o entendimento de que, criar canais de escuta sensível nos espaços destinados à formação docente, potencializa, inequivocamente, o diálogo sobre outras maneiras de pensar o mundo e os conhecimentos e, por conseguinte, os lugares de inscrição no mundo, operando novas formas de resistência.

Quando o cenário diz respeito à ação educativa, propriamente dita, isto é condição para uma existência saudável do ser/estar docente/estudante no ambiente educativo, até porque, conhecer é sempre um agir, alimentado por posturas que envolvem reconhecer e se apropriar de tudo aquilo que é gerado sob a forma de imaginação, sacralidade e diversidade.

⁴ JOSSO, Marie-Christine. Caminhar para si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p.31.

⁵ STRAUSS, apud BESSE, Jean-Marc. Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006. p.80.

Temos, assim, em desafio pela frente: como desencadear, entre nós, formas de escutar a si mesmo e ao mundo qualificando os fazeres docentes?

Planejamento e gestão educativa, sob a égide da emancipação

Fazendo um breve resgate dos debates sobre a prática pedagógica, pensada a partir dos desdobramentos curriculares nas diferentes áreas do conhecimento, observa-se que, nas últimas décadas, ocorreu um deslocamento das preocupações com os ‘métodos eficazes’ para o foco nos ‘ambientes de aprendizagem’ mais propícios à formação⁶.

Com isto, o protagonismo dos sujeitos nas relações de ensino e aprendizagem conquistou lugar de destaque e com ele surge a emergência, dentre outras, das experiências de pesquisa-ação-formação interligadas a cidadania, modelo de vida nas grandes cidades e a autossustentabilidade.

O tipo de vida nas grandes cidades, e que se constitui, atualmente, num modelo de estilo para a maioria da população mundial - utilitário materialista e consumista -, está causando uma profunda alienação em homens e mulheres de suas próprias histórias, numa ótica antropológica universal. Isto acontece, porque, de acordo com Serres, Ele “ignora como foi esculpida a paisagem”⁷.

Neste sentido a universidade deve propor uma pedagogia alternativa, visando reeducar essa população consumista e materialista, que acaba se tornando escravo do seu próprio consumismo exagerado, afetando a vida pessoal, além da profissional. Afora isso, muitos profissionais docentes não conseguem ficar muito tempo em cidades interioranas, por não poder sustentar essa vida compulsiva pelo consumo, já que existem grandes diferenças entre cidades pequenas do interior comparadas com as grandes metrópoles. Voltados para o mundo do consumismo, essas pessoas se tornam cidadãos dependentes, que cada vez mais acabam se afastando do sentimento de pertença ao seu próprio ambiente de trabalho.

Esse sentimento de pertença refere-se ao pertencimento do indivíduo no lugar ao qual está inserido. Ou seja, a pessoa humana precisa se sentir integrante e feliz, pois a

⁶ Cf. NOGUEIRA, Sandra Vidal; Ramirez, Vera Lúcia. Evolução da pesquisa científica sobre educação no Brasil: enfoques temáticos e abordagens metodológicas. Cadernos La Salle, Canoas, v. 02, p. 87-100, 2007.

⁷ SERRES, Michel. Hominescências: O começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.82.

sensação de bem estar no ambiente de trabalho, acarreta numa maior harmonia no espaço de ofício.

Busca-se, em essência, com tais conceituações, garantir no ideário dos estudos e pesquisas sobre a temática das novas pedagogias universitárias, a urgência de se criar e consolidar lugares de pertencimento para as pessoas e os coletivos ao universo de trabalho educativo. Na realidade, o que está posto em questão, é o alcance das alternativas de ensino fundadas na construção de práticas educativas mais colaborativas e dialógicas, que coloquem as pessoas envolvidas, sejam elas docentes ou estudantes, na condição de sujeitos aprendentes e protagonista de sua própria formação.

Educação democrática, em perspectivas de gênero, etnia, geração e religião

As categorias sociais menosprezadas, sobretudo as marginalizadas do sistema sociopolítico vigente, vislumbram a universidade como a ponte possível que poderia levá-las à obtenção de um nível de vida mais digno. E quantas as dificuldades encontradas por mães e pais para a manutenção de suas filhas e filhos na escola! Todos os esforços, pois, estão direcionados para uma possível melhoria do status quo próprio e da prole, via educação. Quem está fora da escola ainda é visto com certa desconfiança e/ou desprezo.

Diante disso, quem chega até a universidade espera encontrar uma educação voltada aos princípios democráticos, desenhado por práticas pedagógicas emancipatórias e libertadoras, onde o sujeito aluno é instigado a reger o seu próprio tempo, despertando o prazer em si de frequentar o ambiente de ensino.

Nesse sentido, o espaço universitário cumpre a função social de desenvolvimento pleno da consciência e suas variadas dimensões, quanto à produção do conhecimento: a racional, a sensorial, a afetiva, a intuitiva e a transcendental.

Lamentavelmente a visão de uma educação emancipatória, portanto democrática está, pois, mascarada. O que se percebe na prática é a progressiva atuação de ações educativas mais rígidas e opressoras no espaço de ensino das universidades públicas, principalmente, aquelas que em sua política visa acolher de maneira mais forte as classes populares. Não é fácil identificá-las, porque em geral as vítimas dessa tirania são silenciadas, com medo da opressão.

Deste modo, por traz de uma pedagogia, que poderíamos denominar de antidemocrática, está impregnada uma série de fatores coligados a exclusão e a intolerância,

quanto ao modo ao qual o estudante se expressa, se veste, seu local de origem, etc. E tudo isso advém de uma única motivação: o simples fato da não aceitação em admitir que um estudante oriundo de classes populares tenha conseguido chegar ao ensino superior.

O agressor, em muitos casos, num determinado momento da vida, na construção de sua própria carreira profissional também foi vítima de uma teia emaranhada, onde agressores formam oprimidos e assim vão se formando os monstros obscuros da educação.

Nessa acepção, os movimentos populares devem estar engajados em prol de melhorias na qualidade de ensino das redes públicas, pois eles unidos, armazenam muita força, e podem romper com o silêncio da formação de novos opressores e coisas do tipo: 100% de reprovação numa determinada turma.

Cidadania plena, por sua vez, deveria implicar na plenitude de direitos. A voz não censurada de quem defende a manutenção de uma vida digna, resultando assim, no bem-estar de mulheres e homens individuais, de modo que todos/as possa usufruir dos benefícios oferecidos pela vivência em sociedade, em especial das classes populares que conseguem atingir o ensino superior. Contudo, por inúmeros motivos, ou por não estarem preparados a enfrentar os opressores, acabam desistindo de estudar e com isso aumenta o índice de evasão nas universidades, o que é muito preocupante. Ou seja, apesar das várias políticas de permanência e de docentes altamente qualificados, persiste entre nós, a inexistência de algo tão simples que não se ensina, mas que parte de valores, a humanização.

Considerações Finais

Nos aportes finais, provocativos de um maior aprofundamento, a afirmação concreta do desejo à educação plena, eficaz, humanizadora e construtivista, há muito por evoluir. Vale dizer, também neste domínio, que o caminho é o da superação de uma visão meramente formal por uma mais substantiva.

Assim, devemos considerar que os aportes que dão os movimentos sociais para uma construção democrática são altamente relevantes. E daí, a educação precisa trabalhar mais no foco da bioreflexividade narrativa, pois, o estudante precisa se libertar a partir de suas narrativas de vida. As questões problemáticas decorrentes do ensino precisam ser expostas e discutidas, as classes populares precisam se sentir mais pertencentes a estes

lugares de produção do conhecimento, usando a força de seus movimentos, em proveito de mobilizações buscando melhorias na educação.

Em síntese, portanto, pode-se concluir que há de se criar canais de aproximação de cunho pedagógico e educativo entre as universidades e os movimentos sociais, conhecendo a trajetória de vida dessas pessoas e desses movimentos, saber quem são, de onde vieram e como chegaram à graduação. Para a posteriori, interrogar: e quais são suas expectativas para o futuro?

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)bio-gráfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). *A aventura (auto)biográfica, – teoria & empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 201-224.

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. Educar para a complexidade: o que ensinar, o que aprender. In: *Transdisciplinaridade e complexidade: uma nova visão para a educação no século XXI*. HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento; SOUZA, Samir Cristino de (Org.). Natal: Editora do CEFET-RN, 2005.

ANDRÉ, Marli Eliza D. Afonso de. Pesquisas em formação de professores: contribuição para a prática docente. In: PINHO, Sheila Zambello de. *Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 241-50.

ANDRÉ, Marli Eliza D. Afonso de ET alii. O trabalho docente do professor formador no contexto atual das reformas e das mudanças no mundo contemporâneo. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 91, n. 227, p. 122-143, jan./abr. 2010.

ANDRÉ, Marli Eliza D. Afonso de. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010.

ARENDRT, Hannah. *Compreender: formação, exílio, totalitarismo*. Traduzido por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTHES, Roland. *A aula*. São Paulo: Cultrix, 2002.

BERSNTEIN, Basil. *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. O ensino da Didática, das metodologias específicas e dos conteúdos específicos do ensino fundamental nos currículos dos cursos de Pedagogia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 91, n. 229, p. 562-583, set./dez. 2010.

PASSEGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa* [online], v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006.

RODRIGUES, Ivete; BARBIERI, José Carlos. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. *Revista de Administração Pública (RAP)* — Rio de Janeiro 42(6):1069-94, nov./dez. 2008

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. SP: Cortez 2000

_____. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. SP: Cortez, 2004.

_____. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra (78): 3-46, out., 2007.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. 7ª ed., SP: Cortez, 2010a.

_____. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. SP: Cortez, 2010b.

SERRES, Michel. *Hominescências: O começo de uma outra humanidade?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Shopenhauer, Arthur. *A arte de escrever*. Trad. Pedro Sussekind. Porto Alegre: LP&M POCKET, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). *A escola mudou. Que mude a Formação de Professores!* Campinas, SP: Papyrus, 2010.